

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN
(PARTE 3 – CONCLUSÃO)
9 e 16 de setembro de 2025

The Hateful Eight / 2015

(Os Oito Odiados)

Um filme de QUENTIN TARANTINO

Realização e argumento: Quentin Tarantino / *Direção de fotografia:* Robert Richardson / *Cenários:* Rosemary Brandenburg / *Guarda-roupa:* Courtney Hoffman / *Montagem:* Fred Raskin / *Música:* Ennio Morricone / *Interpretação:* Samuel L. Jackson (Major Marquis Warren), Kurt Russel (John Ruth), Jennifer Jason Leigh (Daisy Domergue), Walton Goggins (Chris Mannix), Demián Bichir (Bob), Tim Roth (Oswaldo Mobray), Michael Madsen (Joe Gage), Bruce Dern (General Sanford "Sandy" Smithers), James Parks (O.B.), Dana Gourrier (Minnie Mink), Zoë Bell (Six-Horse Judy), Lee Horsley (Ed), Gene Jones (Sweet Dave), Keith Jefferson (Charly), Craig Stark (Chester Charlors Smithers), Belinda Owino (Gemma), Channing Tatum (Jody).

Produção: Richard N. Gladstein, Stacey Sher, Shannon McIntosh / *Produtoras:* FilmColony, Shiny Penny, Double Feature Films / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 168 minutos / *Estreia em Portugal:* 4 de fevereiro de 2016 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

estreando com três anos de intervalo entre um e o outro, **Django Unchained** e **The Hateful Eight** são as duas incursões de Quentin Tarantino ao mundo dos *westerns*, partilhando vários aspetos, mas sendo dois filmes com preocupações diferentes. Em ambos há: uma relação de proximidade histórica à guerra civil americana (o primeiro passa-se poucos anos antes, o segundo no rescaldo, uma década depois); uma ideia revisionista da própria História, com eventos e personagens como forças que personificam uma certa vingança histórica sobre atrocidades cometidas (em menor escala do que em **Inglourious Basterds** ou **Once Upon a Time in... Hollywood**); o uso de música de Ennio Morricone; e ainda a proliferação de paisagens invernosas e cheias de neve (prevalentes, sobretudo, em **The Hateful Eight**). Sendo ambos filmes de Tarantino, partilham ainda palavrosos diálogos, alguns atores (como Samuel L. Jackson, Walter Goggins, Dana Gourrier) e violência visualmente desmedida e extravagante (em **Django Unchained** usada, em grande parte, com efeitos cómicos, em **The Hateful Eight** com requintes de crueldade). Para além do facto de **The Hateful Eight** se passar, a maior parte do tempo, num único cenário interior, a grande distinção entre os dois filmes será o seu tom – o que se nota pelo modo como a violência é administrada.

O princípio do filme é lento, com a câmara a passear-se pelas montanhas e focada no horizonte gelado, usando o formato Ultra Panavision 70 (que funcionou tanto nas vistas desafogadas como nos grandes planos, com as caras dos atores como paisagem). Segue-se um vagaroso *zoom out* da cara de Jesus Cristo na cruz, uma figura esculpida em madeira e isolada algures numa estrada inóspita, como se sugerisse que, para lá deste ponto, o que nos espera são sacanas sem lei. A metáfora é acentuada pela banda sonora de Morricone (a última que compôs), que cria uma

sensação de mau agouro, repercutindo a claustrofobia e paranoia do filme, com o compositor a traduzir para a pauta musical o andar tenso e ameaçador de um *cowboy* já de pistola em riste.

A ação assenta num compasso inexorável, mas vagaroso, marcado pela divisão da narrativa em capítulos e pela verbosidade dos diálogos, mais próximo de uma peça teatral do que de um filme. Ao estilo de Tarantino, estes últimos são floreados, mordazes e ditos com brio, cada ator saboreando aquilo que diz. A eficácia cinematográfica com que normalmente são estabelecidas personagens e interações é, aqui, trocada pelo enamoramento lânguido do realizador e argumentista pelas suas próprias palavras e pelo modo como os seus atores as encarnam. Isto é exemplificado logo no começo, com a coleta dupla de Marquis Warren e Chris Mannix, a quem John Ruth dá boleia a contragosto, numa sequência prolongada. Esta é a pista para o resto do filme, estando os eventos à mercê do diálogo.

Quando o filme se restringe à mercearia, está também a audiência à mercê destas odiosas personagens, cujos pecados e crimes vão sendo lentamente descobertos pelos restantes – e Tarantino esviscera-as num tom profundamente niilista. Se no primeiro capítulo a personagem de Samuel L. Jackson é posicionada como herói de guerra (a carta de Lincoln filmada como se banhada de luz angélica), isso é logo desmascarado no capítulo seguinte. O filme revela-se sem qualquer misericórdia ou redenção, numa descida ao inferno em que diferentes fações vão tendo o controlo da situação. Na verdade, é isso que torna **The Hateful Eight** tão *desagradável*, o quanto longe cada personagem vai no maltrato do vizinho: desde o monólogo de Warren sobre como matou o filho de Sandy Smithers («Are you starting to see pictures?»), passando pela violência exercida sobre os inocentes «earlier that morning», e tudo aquilo a que o corpo de Daisy é sujeito (conhecemo-la, desde logo, com o olho já negro), sofrendo vários ataques, e, por fim, um linchamento. A câmara desliza de forma serpentina e impiedosa pelas personagens, cada momento um degrau na escada que leva à violência.

Longe de se considerar um *provocateur*, Quentin Tarantino discutiu, em entrevistas sobre o filme, como a temática das relações raciais acaba por se imbuir nos seus filmes. Em **The Hateful Eight** (e **Django Unchained**) o tema era inescapável, mas isso era algo que o realizador via como «one of the things I have to offer to cinema» e, em especial, ao *western*, por achar que o género não tinha ainda tratado a questão de modo deliberado. Quentin Tarantino tem-se estabelecido como um autor cujos interesses giram em torno do tema da vingança e expõe-se na sua faceta mais cruel em **The Hateful Eight**. Colocando-se, ele próprio, como o narrador metatextual desta história («That's why this chapter is called...») – meio *whodunnit*, meio filme de época –, o realizador exercita os dedos na delineação de tramas e na construção de diálogos, mas é um dos seus trabalhos menos conseguidos. O filme lida em traços gerais com o rescaldo e a animosidade impregnados no pós-guerra civil, mostrando como nada ficou sarado com o cessar-fogo ou a amnistia. Marquis Warren e Chris Mannix são as duas faces de um país que ainda hoje demonstra as mazelas do confronto entre o sul e o norte e só a situação extrema da sua morte iminente os coloca a trabalhar em conjunto. Assim, Tarantino tece uma tapeçaria de sangue e vísceras, com personagens que funcionam como o espreitar por baixo das tábuas da história dos Estados Unidos, onde se guarda tudo o que é demasiado horrível e violento para ser visto sem desviar o olhar.

Ana Cabral Martins